

---

# Medievalismo en Extremadura

Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas  
de la Edad Media

---

Jesús Cañas Murillo  
Fco. Javier Grande Quejigo  
José Roso Díaz (Eds.)

Medievalismo en Extremadura  
Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas  
de la Edad Media



Cáceres  
2009

MEDIEVALISMO en Extremadura : Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media / Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo, José Roso Díaz (Eds.). — Cáceres : Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2009

XXII, 1310 pp. ; 17 × 24 cm.

ISBN 978-84-7723-879-9

1. Literatura medieval-historia y crítica. I. Cañas Murillo, Jesús (Ed.). II. Grande Quejigo, Javier (Ed.). III. Roso Díaz, José (Ed.). IV. Título. V. Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, ed.

82.09"04/15"

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra sólo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, [www.cedro.org](http://www.cedro.org)) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.



© Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo y José Roso Díaz, de la edición, 2009

© De los autores, 2009

© Universidad de Extremadura-Grupo "Barrantes Moñino", para esta 1.<sup>a</sup> edición, 2009

Ilustraciones de cubierta: miniaturas de cancioneros del siglo XIII (Biblioteca Vaticana y Biblioteca Nacional de Francia) recogidas en el libro de Martín de Riquer, *Vidas y retratos de trovadores. Textos y miniaturas del siglo XIII*. Barcelona, Círculo de Lectores-Galaxia Gutenberg, 1995.

Edita:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones

Plaza de Caldereros, 2. 10071 Cáceres (España)

Tel. (927) 257 041; Fax (927) 257 046

E-mail: [publicac@unex.es](mailto:publicac@unex.es)

<http://www.unex.es/publicaciones>

I.S.B.N.: 978-84-7723-879-9

Depósito Legal: M-52.674-2009

Impreso en España - *Printed in Spain*

*Impresión:* Dosgraphic, s. l.

# FERIMENTOS E CURA – EXEMPLOS DA LITERATURA MEDIEVAL

Margarida Reffóios  
*Universidade de Évora*

## 1. NOTA INTRODUTÓRIA

Ao analisar alguns romances cortesês em verso do século XII, observámos que o cavaleiro bom nunca é sujeito ao mesmo ferimento que o mau. Os heróis, de uma maneira geral, não apresentam ferimentos mortais e as suas feridas saram rápida e milagrosamente. O inimigo já não padece da mesma sorte pois os ferimentos causam normalmente danos irreversíveis. Também convém esclarecer que os ferimentos, quando provocados por golpes de espadas, são sangrentos e que as perdas de sangue levam muitas vezes à suspensão da batalha. A lista de membros anatómicos atingidos é extensa: vai da cabeça aos membros inferiores, a predilecção recaindo nos membros superiores do corpo. Para esta apresentação, considerámos como «ferimento» todas as marcas que surgem no corpo como as contusões, as luxações de articulações, as fracturas de ossos, as chagas (que dêem origem a hemorragias) e constatámos que este tipo de análise nos obriga a recorrer às Ciências Médicas.

## 2. QUAIS SÃO OS FERIMENTOS QUE SURGEM?

O primeiro vestígio de ferimento que surge é o sangue. Este, muito presente nos romances em verso do século XII representa a vida, o vigor e denuncia a ferida. O sangue suja a camisa, escorre pela armadura e é a hemorragia que leva à procura urgente de um auxílio médico. O médico aparece porque um cavaleiro sofre um golpe. A figura médica impõe-se como uma autoridade quando o ferimento é grave. A função do médico está, à partida, definida. Primeiro examina o doente para certificar-se da gravidade da lesão. Muitas vezes, o paciente encontra-se desmaiado quer pela perda de sangue quer pela dor, parecendo morto. O exame consiste na apalpação do pulso, do corpo e na observação cuidada do ferimento que vai determinar o diagnóstico.

No estudo que fizemos, identificámos dois campos de acção distintos. Por um lado, a doença está quase sempre associada a ferimentos infligidos em cenários de combate, no espaço exterior.

Por outro lado, o espaço da corte, marcadamente simbólico e interior, pode também dar lugar a ferimentos. Neste campo mais reservado, o ferimento acontece quando não há harmonia na corte. Assim, poderemos apontar o envenenamento como o principal motivo da morte à mesa.

Já a outro nível, mas ainda associado ao espaço da corte, aparece uma doença que é do foro emocional mas que acaba por provocar sequelas físicas graves. Trata-se do «mal de amor» que é diagnosticado e tratado como uma doença física.

Em traços largos estes são os três tipos de ferimentos que aparecem nos romances analisados embora todas as doenças banais para a época sejam referidas, aqui e ali, salpicando os textos de tratamentos vulgares para a época. Conheciam-se doenças infecciosas como a varíola, a papeira, o sarampo e doenças provocadas por distúrbios alimentares como o escorbuto, o raquitismo, os diabetes, a gota, e outras igualmente comuns.

## 2.1. Ferimento em combate

No *Roman de Thèbes*, Etéocles declara guerra ao irmão (Polynice) que, por acordo, deveria subir ao trono. Não desconfiando da maldade do irmão (que, sofregamente quer continuar a reinar) manda um mensageiro –Tideu– que é surpreendido por uma declaração de guerra. Este defende-se bem graças a uma espada com atributos mágicos:

Ne ja nuls homme n'en iert naufrez  
Qui de la plaie seit sanez.  
Feru an ad le chevalier,  
Et tout fendu jusqu'al braier<sup>1</sup>

Na realidade, Tideu é um homem bom mas transforma-se quando combate. Mata sem escrúpulos para se defender dos inimigos que lutam contra ele. Mata Galeran com grande frieza («*li embatist en la cervele*»<sup>2</sup>) e regressa a casa esvaído em sangue e à beira da morte:

Mais il fu fiebles, qui trop saignie.  
Il fu naufrez par mie le cors;  
Si que la rate li saut fors;  
Li frans homme est naufrez a mort (...) <sup>3</sup>

A imagem da ferida que abre revelando o sangue que escorre, também, é recorrente neste tipo de romance. O sangue que se escapa («*Li sancs raie*», «*un raie de sanc en gieta fors*») traduz a vida que, em toda a sua força, esmorece sob um golpe fatal. O cavaleiro é, então, tratado com a túnica que os companheiros cortam para estancar o sangue («*si en bendent desius la plaie por estanchier le sanc qui raie*»<sup>4</sup>).

Do mesmo modo, o desmembramento do corpo inimigo é alvo de observação («*Flegeum ferit de l'espee, que l'espalle li a seoree*») e ombros esmagados, pernas partidas ou clavículas deslocadas demonstram como existem sinais de violência no campo de batalha («*maint vilain illoec jambe rote*»).

<sup>1</sup> *Le Roman de Thèbes* (1995: 142, vs. 1682-1685).

<sup>2</sup> *Le Roman de Thèbes* (1995: 54, vs. 1885).

<sup>3</sup> *Le Roman de Thèbes* (1995: 154, 156, vs. 1899-1902).

<sup>4</sup> *Le Roman de Thèbes* (1995: 252, vs. 3549-3550).

O *Roman de Troie* oferece relatos de batalhas sucessivas (num total de 23) onde são descritos ferimentos feitos em combate. Heitor, por exemplo, é ferido mas o médico faz um garrote, fazendo com que este volte ao combate ainda mais forte:

Sa plaie li unt estanchee  
E bien estreitement liee,  
Puis rest montiez mout ot grant ire (...)  
Qui, après ce qu'il l'ot navré,  
En ocist plus que de davant<sup>5</sup>.

Outro aspecto não menos curioso é o respeito entre adversários pelo código cortês. Alexandre combate Porus, fere-o mas pára o combate para que o seu adversário trate os ferimentos.

Em *Érec e Énide*, o herói Érec é a personagem cujo corpo mais sofre as duras marcas do seu percurso. É um verdadeiro mártir: «foibles» e «quassez», as feridas abrem e o seu corpo está quebrado mas ele é o cavaleiro perfeito. Vence os obstáculos, reconquista a mulher e é coroado rei. O *topos* da ferida sangrando, é retomado no *Chevalier au Lion*<sup>6</sup> («*li sanc tuit chaut et boillant*»). O vocábulo «sangue» («*sanglent en fu sis manteals de gris*») é recorrente nas descrições que são feitas, assim como «chaga» («*sor le pez ot un grant plaie*»).

## 2.2. Ferimento à mesa

No espaço interior da corte arturiana desenvolve-se um tipo de ferimentos diferente. Estamos no espaço do lazer. Mas num espaço tão aprazível, a traição pode ter lugar, conduzindo à doença ou à morte. O envenenamento é a causa mais usual. Alexandre<sup>7</sup> morre à mesa, oito dias depois de ter ingerido o veneno preparado por dois traidores. A sua morte dá-se no banquete da Coroação que tem lugar na cidade de Babilónia no fim de Maio. Num momento que traduz a renovação do ciclo e a conquista da cidade celeste, o texto anuncia a morte de Alexandre. Este bebe o veneno que é introduzido na taça de vinho e que o leva à sufocação, não havendo especiaria com propriedades medicinais que o salve. Alexandre tem ainda forças para se retirar para o seu quarto e morrer longe da corte. Trata-se de uma morte digna, o imperador sendo transformado num mártir.

Também a morte do conde de Limors, no *Érec et Énide*<sup>8</sup>, tem lugar à mesa, pela espada de Érec. Trata-se de uma morte necessária para que a ordem seja restabelecida. Érec resgata Énide das garras de Limors que quer casar com ela à força. Ao morrer à mesa, Limors é humilhado perante toda a corte.

No espaço da corte, aparece ainda o *topos* da ferida que sangra. No *Chevalier de la Charrette*<sup>9</sup>, Lancelot fica ferido ao tentar entrar no quarto da rainha sem ser visto.

<sup>5</sup> Benoit de Sainte-Maure (1998: 242, vs. 10095-10101).

<sup>6</sup> Chrétien de Troyes (1982: 89).

<sup>7</sup> Alexandre de Paris (1994).

<sup>8</sup> Chrétien de Troyes (1981).

<sup>9</sup> Chrétien de Troyes (1983: 142, vs. 4644-4646).

Afasta uns ferros de uma janela, ferindo as mãos que sangram. Contudo, entregues aos jogos amorosos e na escuridão da noite, os amantes não se apercebem que o sangue jorra das mãos de Lancelot. Aqui, o sangue derramado é uma oferenda muda que simboliza o sacrifício e que compensa a indiferença a que Lancelot fora votado. A cama ensanguentada acaba por incriminar Keu que tinha umas chagas em sangue.

### 2.3. Ferimento de amor

O amor aparece como uma doença que destrói todos os anticorpos. Correspondido ou não, o amor pode devastar como se de uma doença se tratasse. No *Roman d'Énéas*, Dido, a rainha de Cartago, deixa-se seduzir por Eneias, não conseguindo libertar-se dessa paixão. Numa primeira fase ambos são levados por esse mal que os consome, chegando a um grau de loucura. Ficam alienados do mundo que os rodeia («*et l'un et l'autre se folioie*»<sup>10</sup>). Tornados loucos pela fúria amorosa, hibernam esquecendo que ambos têm um povo para liderar. Eneias sai da letargia em que caíra porque os deuses o chamam à razão, mas Dido entrega-se ao sofrimento e esse estado doentio fá-la cair na doença física, ficando louca («*elle tort poinz et ront sa crine*»<sup>11</sup>, p. 162). O mal de amor leva Dido a alterações físicas que ela não controla: aquece, arrefece, traduzindo um estado de inquietação que deixa marcas físicas. Torce os punhos, arranca os cabelos, assumindo-se como louca. O desmaio mostra a fragilidade em que Dido cai ao ser abandonada por Eneias.

Este é o quadro clínico de uma mulher abandonada em pleno enamoramento. Mas o mal de amor não se resume ao abandono pelo ser amado. Também o amor correspondido faz sofrer. Eneias, apaixonado por Lavinia (personificação do amor) sofre. Não dorme, não come, desmaia e apresenta alterações bruscas de temperatura.

Veja-se o caso de Yvain que enlouquece quando percebe que não cumpriu o interdito imposto por Laudine. Vítima da fúria cavaleira, esquece o objecto amoroso. Cai numa fase negativa do seu percurso que se traduz pela insanidade e apenas recupera o juízo, após um período de isolamento durante o qual recupera a consciência.

Também no *Chevalier de la Charette*<sup>12</sup> o amor por Guenièvre leva Lancelot a mergulhar num êxtase de que dificilmente consegue sair. Chrétien de Troyes descreve este amor como sendo uma ferida que reabre constantemente e põe a tônica no temperamento melancólico de Lancelot que se compraze no sofrimento («*Pansers li plest, parlens li griève*»).

### 3. QUEM TRATA?

A Figura do médico que trata ferimentos e restitui a saúde surge com alguma frequência. A terminologia mais recorrente é «*mire*» que, segundo o *Dictionnaire de l'Ancien Français* de Greimas<sup>13</sup> aparece pela primeira vez em 1169 nos textos de Wace

<sup>10</sup> *Le Roman d'Énéas* (1997: 142, vs. 1661).

<sup>11</sup> *Le Roman d'Énéas* (1997: 162, vs. 2044).

<sup>12</sup> Chrétien de Troyes (1983: 41, vs. 1335-1342).

<sup>13</sup> A.-J. Greimas (1989: 416).

e vem do latim «*medicum*». No *Conte du Graal*<sup>14</sup>, Gauvain é um cavaleiro exemplar da corte e domina a arte da Medicina («*Gauvains savoit plus que nus hom de garir plaies*»). Este grande mestre cavaleiro «*qui de mire eust grant mestier*» oferece credibilidade na arte da medicina.

O médico muitas vezes actua na presença de um (ou mais) colegas acompanhados por assistentes. No *Roman d'Alexandre* dois colegas prestam assistência a Malatous. Ferido em combate, este arménio é levado à presença de Alexandre e acaba por se submeter à autoridade do inimigo, oferecendo vassalagem para se salvar. Alexandre pede então aos seus médicos que o tratem («*Deus siens mires li baille, Ametis et Gassons*»<sup>15</sup>).

Notemos que, em certa medida, estamos perante uma imagem ingénua do poder médico. Os sábios doutores de Alexandre prometem devolver o doente com saúde. Ora, é sabido que a doença pode ser driblada mas, por vezes, não é dominada. Neste romance, a cura é dada como certa, aspecto esse que não verificámos em nenhum outro romance. O poder de Alexandre aparece como sendo superior ao poder da morte.

No *Chevalier au Lion* encontrámos um outro vocábulo: «*fisicien*». Especializado na arte da «*mirgie*», este físico sara os ferimentos de Yvain e Gauvain («*Un fisicien qui savoit de mirgie plus que nus hom fist mander rois Artus adom*»<sup>16</sup>).

O médico representa uma autoridade, um elemento de excepção que intervém para repor a ordem. Influenciado por uma medicina primitiva (que se apoia na cura através das plantas e outros métodos como a sangria), o médico que circula pelo campo de batalha ou pela corte está também embebido de uma medicina que já circulava pela Europa na Idade Média, a Medicina Oriental, e em particular árabe, que penetrou profundamente no pensamento médico do século XII. Assim, no *Roman de Thèbes*, Tideu, ferido pelos enviados de Etéocles (rei de Tebas) é curado por um médico arménio que o rei da Grécia convoca. O médico dedica-se de corpo e alma, recuperando Tideu ao fim de um mês de tratamentos («*Tant y pena et seir et main*»<sup>17</sup>).

Nalguns exemplos, essa personagem de excepção que vem do Oriente é mesmo comparada a Galeno (130-200) ou Hipócrates (460-337 a.C.) –referências para a Medicina Ocidental:

Li bons mires Goz li senez,  
que devers Oriant fu nez  
–Ne meinz ne le priseit bom pas  
que Galien ne Ypocras  
–cil a ses plaies regardees  
e afeitees e lavees<sup>18</sup>.

No *Roman d'Alexandre* é o próprio Hipócrates que trata Saligot, aliado do emir («*Et Saligos apele le bom mire Ypocras*»). Nunca é um médico qualquer que é chamado. Brot

<sup>14</sup> Chrétien de Troyes (1959: 203, vs. 6907-6911).

<sup>15</sup> Alexandre de Paris (1994: 156, vs. 1321-1322).

<sup>16</sup> Chrétien de Troyes (1982: 197-198, vs. 6494-6496).

<sup>17</sup> *Le Roman de Thèbes* (1995: 158, vs. 1954-1958).

<sup>18</sup> Benoit de Sainte-Maure (1998: 248, vs. 10245-10251).



de Pouilles, no *Roman de Troie*, toma conta de Heitor, no regresso da oitava batalha (das 23) e é o «*plus senez de mecine qui ainc fust nez*»<sup>19</sup>.

Em concorrência com o Oriente, aparecem os médicos de Salerno –escola reputada na Idade Média. No *Cligès*, chegam três médicos de Salerno («*Sont venu troi fisicien de Salerne, molt ancien*»<sup>20</sup>). De entre os três, destaca-se o Mestre que rapidamente diagnostica o problema de Fenícia, aparentemente morta.

Mas não é apenas a figura masculina que tem lugar de destaque na arte da medicina. Também a mulher parece ter algum peso na arte de curar. O médico é, por vezes, acompanhado por duas assistentes especialistas na arte de reduzir luxações («*e deus puceles de s'escole, qui li raloient sa canole*»<sup>21</sup>). Desempenham a função de enfermeiras mas, noutros casos, são mulheres (*mulieres Salernitanae*) que praticam medicina. A sua arte está mais próxima da medicina curativa, com sugestões de magia.

No *Cligès*, aparece a mulher médica que se aproxima da figura da curandeira. Trata todas a doenças comuns da época como os diabetes, a gota, as anginas, a asma e as infecções vulgares.

#### 4. QUAL O TRATAMENTO ADMINISTRADO?

De acordo com os textos estudados, a cura dá-se, em primeiro lugar, através de um regime alimentar cuidado e de muito descanso. O tratamento administrado alia o poder do remédio a um regime alimentar cuidado. O doente deve comer várias vezes ao dia, abster-se de beber vinho puro (Érec não come alho e pimenta durante o período de repouso a que é submetido) e tomar banho para ganhar cor. Como comprovam os *Regimes de Saúde* da época, os médicos defendem uma alimentação equilibrada que possa manter o corpo e a mente sãos. Também as poções fazem parte desse milagre da cura («*poison*», «*caudiel*» ou «*chaudel precios*»), sendo introduzidas nestas bebidas especiarias e ervas medicinais que são apanhadas em florestas mágicas ou, simplesmente no vergel.

Surgem também alguns tratamentos comuns para a época e que foram utilizados até há bem pouco tempo. Verificámos a utilização da sangria que era aplicada no tratamento dos ferimentos. Esta era também indicada no tratamento das doenças de coração, pulmões e ainda na hipertensão.

O unguento («*antrez*» ou «*oignemant*») é outro dos métodos correntes utilizados para curar. No *Érec et Énide*<sup>22</sup>, depois de um combate, Guivret pede misericórdia a Érec que acede ao seu pedido e passa a ser amigo do adversário. Para selar essa nova aliança, há um episódio curioso: cada um aplica uma ligadura aos ferimentos do outro e separam-se. À falta de tratamento médico, «*entre-tratam-se*» («*antre bandé*»), deixando para o espaço da corte uma intervenção profissional («*por ses plaies medeciner*»). Érec será tratado na corte do rei Artur que lhe fornece um unguento vindo do

<sup>19</sup> Benoit de Sainte-Maure (1998: 388, vs. 16294-16298).

<sup>20</sup> Chrétien de Troyes (1982: 175, vs. 5745-5747).

<sup>21</sup> Chrétien de Troyes (1959: 127-128, vs. 4341-4342).

<sup>22</sup> Chrétien de Troyes (1981: 157, vs. 5158-5158).

mundo das fadas («*Puis fet aporter un antret que Morgue sa suer avoit fet*»). Apesar de mágico, este unguento não parece ser fiável pois as feridas de Érec voltam a abrir. Mas Érec também não respeita o período de descanso imposto por Artur (15 dias) para que o unguento faça efeito. Na realidade, o unguento não é apenas um auxiliar do mundo mágico das fadas. Os médicos, no século XII como em muitos outros, usam e abusam deles.

No que diz respeito a doença do amor, a medicina não conhece tratamento. Para Lancelot, não há emplastre ou médico que o tire dessa enfermidade. No romance *Ille et Galeron*<sup>23</sup>, Gautier d'Arras descreve o amor como uma doença para a qual não existe cura («*Ni li vaut puisons ne Racine autre estuet estre la mecine*»).

Assim, a doença de amor não faz parte das patologias clínicas. Os sintomas são idênticos mas não se trata da mesma forma. *In extremis*, pode conduzir à morte como sucede no *Cligès* de Chrétien de Troyes. Com um profundo desgosto de amor, o Imperador Alis entrega-se à morte («*Onques ne but ne ne manja, si morut com buem forsenez*»<sup>24</sup>). Também Dido morre em nome do amor. Crava no seio a espada de Eneias e deixa-se devorar pelo fogo. O suicídio promove um espectáculo macabro, mostrando como a doença do amor é devastadora e, corrói a alma apaixonada.

## 5. CONCLUSÕES

O médico é um profissional com crédito, traduzindo uma medicina fortemente influenciada pelo saber oriental. Essa personagem aparece normalmente em situações limites, que só um profissional pode resolver. Parece-me essencial reforçar o carácter profissional destas personagens que agem, em princípio, de acordo com a sua consciência e com o *Julgamento de Hipócrates*. Mas também é importante que o leitor compreenda como é que o sábio cura. Em poucos versos, os escritores dão conta da intervenção do médico e anunciam, ou não, os métodos utilizados para devolver a saúde. Os métodos fazem parte de um quotidiano que os escritores não exploram embora a presença do médico confira uma nota de realismo ao texto marcadamente simbólico.

## BIBLIOGRAFIA

- Alexandre de Paris: *Le Roman d'Alexandre*, Paris, Le Livre de Poche (coll. Lettres Gothiques), 1994.
- Benoit de Sainte-Maure: *Le Roman de Troie*, éd. et trad. par Emmanuèle Baumgartner et Françoise Vielliard, Paris, Le Livre de Poche (coll. Lettres Gothiques), 1998.
- Chrétien de Troyes: *Cligès*, publié par Alexandre Micha, Paris, Librairie Honoré Champion, 1982.
- : *Érec et Énide*, publié par Mario Roques, Paris, Librairie Honoré Champion, 1981.
- : *Le Chevalier au Lion*, publié par Mario Roques, Paris, Librairie Honoré Champion, 1982.
- : *Le Chevalier de la Charrette*, publié par Mario Roques, Paris, Librairie Honoré Champion, 1983.

<sup>23</sup> Gautier d'Arras (1988: 185, vs. 5317-5320).

<sup>24</sup> Chrétien de Troyes (1982: 201, vs. 6607-6609).

- : *Le Roman de Perceval ou Le Conte du Graal*, publié par William Roach, Genève, Librairie Droz, 1959.
- Gautier d'Arras: *Ille et Galeron*, publié par Yves Lefèvre, Paris, Librairie Honoré Champion, 1988.
- Greimas, A.-J.: «mire», *Dictionnaire de l'ancien français*, Paris, Larousse, 1989.
- Le Roman d'Énéas*, Paris, Le Livre de Poche (coll. Lettres Gothiques), 1997.
- Le Roman de Thèbes*, éd. F. Mora-Lebrun, Paris, Livre de Poche (coll. Lettres Gothiques), 1995.